

Franz Kafka
A Metamorfose

Tradução, revista, de
João Crisóstomo Gasco

I

Certa manhã, ao acordar após sonhos agitados, Gregor Samsa viu-se na sua cama, metamorfoseado num monstruoso insecto. Estava deitado de costas, umas costas tão duras como uma carapaça, e, ao levantar um pouco a cabeça, viu o seu ventre acastanhado, inchado e arredondado em anéis rígidos, sobre o qual o cobertor, quase a escorregar, dificilmente se mantinha. As suas numerosas patas, lamentavelmente raquíticas, comparadas com a sua corpulência, remexiam-se desesperadamente diante dos seus olhos.

«O que me aconteceu?», pensou. Mas não era um sonho. O seu quarto, um verdadeiro quarto humano, apenas um pouco acanhado, ali estava, tranquilo, entre as quatro paredes que ele bem conhecia. Por cima da mesa, sobre a qual se espalhava uma colecção de amostras de tecidos – Samsa era vendedor –, via-se pendurada a imagem que

ele tinha há pouco tempo recortado de uma revista e colocado numa bonita moldura dourada. Mostrava uma mulher, com um chapéu e um regaço, ambos em pele, que, sentada muito direita, estendia para o espectador uma enorme manga, que mal lhe deixava ver o braço.

O olhar de Gregor desviou-se para a janela e o tempo sombrio – ouvia-se o gotejar da chuva a bater no rebordo de zinco da janela – tornou-o melancólico. «E se voltasse a dormir mais um pouco e esquecesse todas estas asneiras?», pensou. Mas não era possível, porque tinha por hábito adormecer deitado sobre o seu lado direito e, no estado em que se encontrava, não conseguia fazê-lo. A cada esforço para se virar para esse lado, baloiçava e voltava a ficar de costas. Bem tentou, pelo menos umas cem vezes, fechando os olhos para não ver o espectáculo das suas patas a debaterem-se, e só desistiu quando começou a sentir no dorso uma pequena dor que nunca antes tinha experimentado.

«Oh, meu Deus», pensou, «que trabalho tão cansativo eu escolhi! Viajar, dia após dia. Os negócios são bem mais irritantes do que o trabalho no escritório, e, além disso, ter de aguentar a cansaça de andar sempre em viagem, a preocupação com os horários dos comboios, comer mal e fora de horas, conhecer novas pessoas sem cessar e que nunca se tornam amistosas! Para o diabo com tu-

do isto!» Sentiu uma ligeira comichão na parte superior do ventre; arrastou-se lentamente sobre as costas, mais para cima na cama, de modo a melhor poder mover a cabeça; encontrou o ponto onde sentia a comichão – estava coberto por pequenos pontos brancos que não sabia o que eram; quis apalpar o local com uma das patas, mas logo a tirou, pois ao tocar-lhe, foi percorrido por arrepios gelados.

Escorregou e retomou a sua posição inicial. «À força de levantar cedo», pensou, «tornamo-nos completamente estúpidos. O ser humano necessita de dormir. Outros caixeiros-viajantes vivem como mulheres num harém. Por exemplo, quando volto para o hotel, de manhã, para tomar nota das encomendas que consegui, esses senhores ainda estão a tomar o pequeno-almoço: se eu tentasse sequer fazer isso com o meu patrão seria logo despedido. Quem sabe, afinal, se isso não seria bom para mim? Se não tivesse de me aguentar, por causa dos meus pais, já há muito tempo que me teria despedido; enfrentaria o patrão e dir-lhe-ia tudo o que penso dele. O que o faria cair da sua cadeira! Também não é de boa educação sentar-se em cima da secretária e falar lá do alto ao empregado, para mais obrigado a aproximar-se por ser surdo. Enfim, ainda não abandonei a esperança disso; logo que tiver juntado o dinheiro necessário para pagar o que os meus pais lhe devem – calculo que

ainda me faltem uns cinco ou seis anos –, é isso mesmo o que farei. Então serei impiedoso. Mas, por agora, enfim, preciso de me levantar, porque o meu comboio parte às cinco horas.»

E olhou para o despertador, de que ouvia o tiquetaque sobre a cómoda. «Deus do Céu!», pensou. Eram seis e meia e os ponteiros avançavam tranquilamente, já passava mesmo da meia hora, estavam quase a atingir as sete menos um quarto. Seria possível que o despertador não tivesse tocado? Da cama, via-se que fora correctamente regulado para as quatro horas; é certo que tinha tocado. Sim, mas seria possível não ter ouvido o despertador que fazia estremecer os móveis e tranquilamente continuar a dormir? Apesar de ele não ter dormido tranquilamente, o seu sono tinha sido muito profundo. Mas o que fazer agora? O próximo comboio partia às sete horas; para o apanhar teria de apressar-se de forma insensata, com as amostras ainda por embrulhar, e ele próprio estava longe de se sentir particularmente descansado e bem-disposto. E, mesmo que partisse nesse comboio, isso não evitaria receber uma repreensão do patrão, pois o moço de fretes deveria ter esperado o comboio das cinco horas e há muito teria informado da sua ausência. Era uma criatura do patrão, sem qualquer dignidade ou inteligência. E se dissesse que estava doente? Mas isso seria extremamente desagradável e suspeito, por-

que, há cinco anos nesse emprego, Gregor nunca tinha adoecido. Certamente o patrão viria acompanhado pelo médico da Caixa, repreenderia os seus pais pelo seu filho preguiçoso e não aceitaria qualquer desculpa, apoiado no médico da Caixa para quem, por princípio, não havia pessoas doentes mas simplesmente pessoas fingidas. E de resto, naquela ocasião, estaria enganado? Efectivamente, à parte aquela sonolência de todo escusada, Gregor sentia-se bastante bem depois de ter dormido tanto tempo, sentia mesmo alguma fome.

Enquanto tudo isto lhe passava pela mente a toda a velocidade, sem ser capaz de resolver-se a deixar a cama – o despertador acabava de indicar um quarto para as sete –, ouviram-se pancadas cautelosas na porta que ficava por detrás da cabeceira da cama.

– Gregor – disse uma voz, que era a da mãe –, é um quarto para as sete. Não tinhas de apanhar o comboio?

Aquela voz suave! Gregor teve um choque ao ouvir a sua própria voz responder-lhe, inequivocamente a sua voz, é certo, mas com um horrível e persistente guincho chilreante como fundo sonoro, que apenas conservava a forma distinta das palavras no primeiro momento, após o que subia de tom, ecoando em torno delas, até destruir-lhes o sentido, de tal modo que não se podia ter a certeza de as ter ouvido correctamente. Gregor que-

ria dar uma longa resposta, explicando tudo, mas, em tais circunstâncias, limitou-se a dizer:

– Sim, sim, obrigado, mãe, já estou a levantar-me.

A porta de madeira que os separava devia ter evitado que a sua mudança de voz fosse perceptível do lado de fora, pois a mãe contentou-se com esta resposta, afastando-se rapidamente. No entanto, esta breve troca de palavras tinha feito os outros membros da família aperceberem-se de que Gregor ainda estava em casa, ao contrário do que esperavam, e já o pai batia a uma das portas laterais, suavemente, embora com o punho.

– Gregor Gregor – chamou –, que é que tens?

E, passado pouco tempo, tornou a chamar, com voz mais profunda:

– Gregor! Gregor!

Junto da outra porta lateral, a irmã chamava, em tom baixo e lamentoso:

– Gregor? Não estás bem? Precisas de alguma coisa?

Respondeu a ambos ao mesmo tempo:

– Estou quase pronto – e esforçou-se ao máximo para que a voz soasse tão normal e clara quanto possível, pronunciando as palavras muito devagar. O pai acabou por voltar ao seu pequeno-almoço, mas a irmã segredou:

– Gregor, abre a porta, anda.

Contudo, Gregor não tencionava abrir e sentia-se satisfeito pelo hábito e a cautela que adquirira nas suas viagens de fechar as portas à chave durante a noite, mesmo quando estava em casa.

Ele desejava antes de mais levantar-se tranquilamente e em paz, vestir-se e, sobretudo, tomar o pequeno-almoço; só depois pensaria naquilo tudo, visto que, deitado naquela cama, bem sabia que qualquer reflexão em nada resultaria de sensato. Lembrou-se que, de vez em quando, já tinha sentido uma daquelas pequenas dores, provocadas sem dúvida por alguma má posição, pensando que era mera imaginação, logo que se levantava: estava com grande curiosidade de observar como as sensações que experimentara naquela manhã pouco a pouco se iriam desvanecer.

Empurrar a colcha, nada mais simples: bastaria inchar um pouco o corpo, cairia por si só. Mas, continuar qualquer movimento era mais complicado por causa da sua invulgar largura. Precisaria dos braços e das mãos para se levantar; ora, em lugar disso, não possuía senão aquelas várias e minúsculas patas, que se agitavam descontroladamente, impossíveis de dominar: logo que tentava mover uma dessas patas, deixava espaço às outras para se moverem com extrema e dolorosa excitação. «Acima de tudo, não ficar na cama sem fazer nada», disse Gregor para si mesmo.

Tentou mover a parte de baixo do corpo, mas esta, que aliás ainda não tinha visto e não fazia a mínima ideia de como era, revelou-se demasiado pesada e lenta ao mover-se e quando, ao reunir todas as suas forças, num derradeiro esforço, bateu com violência no estrado da cama, uma violenta dor fê-lo aprender à própria custa que aquela parte do seu corpo era precisamente a mais sensível.

De seguida, experimentou sair com a parte superior e voltou prudentemente a cabeça para a beira da cama, o que aliás conseguiu sem dificuldade, e o resto do corpo, apesar de toda a sua largura e peso, seguiu a rotação da cabeça. Mas eis que, logo que Gregor conseguiu conservar a cabeça fora da cama, já suspensa no ar, foi invadido pelo medo de continuar aquele movimento, que o faria cair no chão e só por um verdadeiro milagre não se ferir na cabeça. Agora ou nunca, era preciso manter a todo o custo as ideias claras: preferiu continuar deitado na cama.

Mas, quando, à custa de muitos esforços, com um suspiro de alívio, ele recuperou a posição primitiva, viu de novo as pequenas patas com movimentos cada vez mais agitados e, não conseguindo de qualquer modo dominá-las para restabelecer a ordem e a calma naquela anarquia, acabou por concluir que, pelo contrário, por nada deste mundo poderia permanecer deitado; seria mais razoável fazer qualquer sacrifício que lhe permitisse,